



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acácia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika Vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, é claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em amplo e em sentido amplo.

Corpo e subjetividade no parto natural humanizado?

Autoria: Fernanda Loureiro Silva, Jane Araujo Russo

Este work é um recorte da pesquisa sobre o processo de formação de doulas desenvolvida e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da UERJ. As doulas podem ser caracterizadas como uma categoria profissional emergente na assistência ao parto, que vem demonstrando ter um expressivo peso político dentro do movimento pela humanização do parto no Brasil. Em um contexto onde a cesariana é a via de nascimento mais frequente e os partos vaginais são marcados por um excessivo uso de intervenções (LEAL et al, [2014]), as doulas passaram a atuar como educadoras perinatais (TEMPESTA, 2018) e ativistas pela humanização da assistência ao parto no Brasil (SIMAS, 2016). Nos últimos anos, inúmeros cursos de formação de doulas foram criados, ampliando de forma significativa o contingente de mulheres (em sua grande maioria) que lutam por um "parto digno e respeitoso". Estes cursos se configuram como uma atividade de reprodução do movimento de humanização, na medida em que buscam orientar as práticas dessa nova categoria profissional a partir de pressupostos conceituais e valorativos deste movimento (FLEISCHER, 2005). A partir da etnografia do processo de formação de doulas para a assistência ao parto, busquei descrever e analisar as categorias presentes nas narrativas das minhas interlocutoras e as dinâmicas de interação em um curso de doulas, e refletir sobre os pressupostos conceituais e valorativos que estão subjacentes a uma concepção "natural" de parto/nascimento em um projeto político-pedagógico cujas práticas ainda são pouco mapeadas. Minha proposta para este work é aprofundar as reflexões sobre os desdobramentos contemporâneos do universo ético presente nos movimentos de revisão do parto dos anos 1970, que foi analisado por Tania Salem há 30 anos em seu estudo sobre o "casal grávido" e uma ética na qual a liberação do sujeito está apoiada nos princípios da psicogenicidade, igualdade e mudança (SALEM, 2007). Mais especificamente, buscarei apresentar de que maneira o corpo feminino aparece no processo de formação de doulas e na produção de uma subjetividade somática no parto natural humanizado?





Realização:



Apoio:



Organização:

